



A VIDA

Jurandir Gaidukas

Minha gratidão ao Senhor da Vida por ter me criado e pelas oportunidades que me deu para chegar até aqui e certamente me dará para eu prosseguir,. Agradeço por tudo e por todos, especialmente minha querida família.

Pensamento: É loucura acreditar que se sabe tudo e sabedoria querer aprender sempre. (autor anônimo)

Introdução: O porque deste livro.

Alguém me disse que escrever um livro é só iniciar com um parágrafo e terminar com um ponto final. Simples assim.

A única dificuldade seria a de preencher os espaços entre o parágrafo e o ponto final com o que queremos e que uma pessoa, mais de uma ou muitas leriam o que se escreveu.

A primeira preocupação deveria ser que quem ler o livro será direta ou indiretamente influenciado pelo que foi escrito, portanto a responsabilidade pelas consequências geradas pela obra será do seu autor.

Visto isso, vejamos o conteúdo do livro: A Vida. Parece que já se escreveram tudo sobre isso. Mas na realidade ainda que já tivessem escrito tudo, cabe sempre a interpretação de quem lê.

Como somos pessoas únicas, cada qual com suas experiências e interpretações das pessoas, do mundo, das coisas e de si mesmas, haverá, sempre, espaço para se escrever algo novo sobre velhas e conhecidas situações, causos, casos e coisas.

A minha pretensão é escrever sobre o que eu sei e aprendi sobre a Vida e o seu sentido.

Evidentemente que muitas pessoas, com um alto nível de conhecimento científico, filosófico e religioso já escreveram muito a respeito e como tudo não chegaram a um consenso e tão pouco a uma conclusão.

Sobretudo porque a ciência, com suas pesquisas, a cada dia que avança tem que rever o que pensava ser a solução de todo o mistério que envolve a vida, não sabendo, fora dos seus limites, como exatamente é a vida, observa a sua manifestação e faz suas induções e deduções com o nível de conhecimento acumulado...

Até mesmo depois da fabulosa descoberta do genoma, onde o nosso DNA foi decodificado após anos de pesquisas e surpreendentemente concluiu que temos em nós um gene que nos identifica com o nosso Criador.

A nossa ciência e nós mesmos nada criamos, só geramos a partir do que foi criado.

A filosofia, que em resumo, significa pensar, aliás um dos grandes e muito pouco usado dos nossos atributos, é limitada pelo que os grandes pensadores concluíram sobre a vida, e ainda o que nós pensamos e acreditamos sobre ela.

A religião é outro elemento que busca explicar a origem da vida, suas manifestações e o seu sentido. Mas são tantas e cada qual acreditando e querendo que se creia que a verdade está com ela, que parece que só quer confundir para prevalecer.

Sem dúvida que o conhecimento é a soma de informações recolhidas por inúmeros cientistas, filósofos e religiosos ao longo da história que conhecemos. E a cada dia com o avanço tecnológico, o que nos permite uma maior observação de nossa espécie, do nosso planeta e do Universo, tudo vai sendo reavaliado, revisto e seus conceitos modificados.

A maioria das pessoas nasce, cresce e se desenvolve buscando a sua felicidade, ou pelo menos o que lhe faça bem. É impossível se crer que a vida se resume em um nascer, crescer (que nem sempre acontece) e morrer.

As inúmeras possibilidades de vida e de condições de vida, a diversidade da flora e da fauna, a harmonia e a regularidade do espaço sem fim e no nosso planeta em especial e em todo o Universo, revelam a impossibilidade de nós e de tudo o mais serem obras do acaso.

O sábio cientista Albert Einstein, nos deixou uma frase que cabe muito bem neste opúsculo: “aquilo que o homem desconhece, para ele não existe”.

Daí a maioria de nós limitar o seu conhecimento e portanto o conhecimento de si mesmo, dos outros, do planeta em que vive e do Universo ao que conhece.

A história registrada e as descobertas arqueológicas revelam um passado com conquistas e descobertas maravilhosas. A ciência astronômica a cada dia desvendando os segredos de um Universo sem fim.

Hoje sabemos que a rotação é responsável pela sucessão dos dias e das noites do nosso planeta através da distribuição progressiva da luz solar no globo, e sua duração é de 23 horas, 56 minutos, quatro segundos e 0,9 décimos, em uma velocidade de 1.666 km/h ou 465 m/s. e a evolução que nos conduziu até aqui e os avanços tecnológicos que não param não nos permitem sequer imaginar como será o nosso planeta e a nossa vida aqui daqui há alguns anos.

Mas com tudo isso parece que não percebemos que, independente do país em que vivemos, estamos todos literalmente no mesmo barco e o que suceder ou ser provocado no outro atingirá a todos nós! Para se ter uma ideia, da necessidade de cuidarmos bem da nossa nave, o planeta mais próximo da Terra, enquanto orbita o Sol, Vênus fica à distância média de 0,7 unidades astronômicas (cada unidade representa a distância entre a Terra e o Sol) do nosso astro, o que equivale a quase 108 milhões de quilômetros.

Jurandir Gaidukas

CAPÍTULO 1

A VIDA

Evidentemente que para falarmos sobre a vida é o sentido da vida temos que começar perguntando: o que é a vida? É uma pergunta que, até hoje, a ciência não tem uma explicação.

A ciência estuda os fatos pela observação e pelas experiências com o conhecimento acumulado.

Ela vê a vida pela sua manifestação, quer no microcosmo como no macrocosmo conhecido, portanto nos seres visíveis e invisíveis, nos minerais, nos vegetais e nos animais.

Talvez você tenha estranhado se falar de vida nos minerais, mas se a própria ciência não tem uma resposta sobre o que é a vida, certamente ela se encontra em tudo que se modifica.

A ciência prova que a matéria como nós a concebemos é um aglomerado de átomos em movimento contínuos e perfeitos que se combinam, se atraem ou se repelem.

Um teste bem fácil para vermos que a matéria, que nos parece compacta aos nossos sentidos, na realidade não é. Basta acionarmos o controle remoto para abrir o portão com as portas e janelas fechadas e os seus sinais passarão pelo que nos parecia compacto! Assim é a matéria, inclusive a que fornece os elementos para o nosso corpo físico.

Por mais que nos pareça avançada a nossa tecnologia, a ciência dispense esforços descomunais para explorar a lua e outros planetas, sem sequer conhecer o nosso próprio planeta, sobretudo os oceanos e suas profundezas, que ainda possui muito a ser descoberto, inclusive outras formas de vida.

Nós também somos assim, vivemos o tempo buscando respostas e coisas fora de nós e nem sequer pensamos o que realmente está dentro de nós. Nem no nosso próprio corpo pensamos, sabemos que temos em nós um órgão quando ele adocece e dói.

Talvez seja por essas circunstâncias que não damos à vida, em qualquer se suas manifestações, o seu real valor.

Caminhamos pela existência como nunca tivéssemos que encerrá-la, agimos como se as coisas sempre existissem como são, o futuro será como idealizamos e como se as pessoas só existissem para nos servirem e para o atendimento de nossas necessidades imediatas, resumindo vivemos como se o mundo girasse em torno de nós!!

Encaramos o futuro como algo que está ali, na minha frente, e chegarei onde, como e quando quiser. Acreditamos que temos o controle e o domínio de nós e do que nos rodeia. Alguns até dizem que a vida é deles e fazem dela o que quiserem!

Mas se observarmos minimamente ao nosso redor veremos que a vida pulsa e se manifesta em tudo que nos é visível é perceptível e até no que não percebemos pelos nossos cinco sentidos.

Desde o minúsculo inseto que trabalha na busca do seu alimento, na construção de seu abrigo, na sua defesa e da sua espécie, passando pela estupenda natureza vegetal, da semente a produção da beleza das flores, do alimento para todos até chegar até nós.

A vida cumpre um ciclo que se destina a manutenção, a preservação e a evolução dela mesma.

O único nessa cadeia que deliberadamente interrompe, interfere e destrói a vida em seu prejuízo é o homem!

A vida humana

Como analisar a vida sob todos aspectos em que ela se manifesta é muito difícil , vamos analisar a nossa própria vida.

Analisar a nossa vida, da forma como a maioria concebe, que é a entrada de um espermatozoide, entre milhões, cedidos pelo homem, em um óvulo da mulher. Imediatamente a vida começa a ser gerada, com o “milagre” da multiplicação de células. Vemos que a vida começa a ser gerada e não criada!

Evidentemente que este livro não é de ciências, portanto tudo será tratado numa linguagem estritamente simples.

As células se tornarão órgãos, sistemas, etc. até que finalmente, cumprindo o ciclo biológico haverá o nascimento.

Esse ciclo pode ser interrompido e frustrado o nascimento ou por motivos variados abreviado.

Só para se ter uma ideia do que estamos sujeitos, a Classificação Internacional de Doenças (CID) que é a base para identificar tendências e estatísticas de saúde em todo o mundo contém cerca de 55 mil códigos únicos para lesões, doenças e causas de morte e ainda estamos sujeitos a acidentes e crimes, o que pode interromper a nossa vida, nos prostra numa cama ou limitar os nossos movimentos por um tempo que não se pode auferir.

A vida é também um grande desafio, sobretudo para quem reconhece a sua importância e busca viver em harmonia e equilíbrio, mesmo diante das agitações de toda natureza a que é submetido ou envolvido. Mas vamos considerar que ocorreu o nascimento.

Em que condições esse nascimento, que inicia um ciclo de vida ocorrerá? Será uma criança saudável? Terá alguma imperfeição? Será portador de alguma doença congênita?

Enfim, são várias as hipóteses.

Mesmo com todo avanço científico, onde quem pode pagar, pode monitorar toda a gravidez e o desenvolvimento do feto, nada assegura a sua total isenção de qualquer problema.

A partir do nascimento, deixamos a segurança e o conforto do ventre materno e iniciamos os nossos desafios em se manter vivos.

A vida orgânica se constata quando o bebê chora, mas o que se aliou ao bebê para que a vida dele se manifestasse? Quando estava sendo gerado já não possuía vida?

O ser humano, entre as criaturas, é o que mais tempo depende da mãe, para começar a agir razoavelmente com autonomia.

Demora meses para andar e alguns até anos para começar a falar. Estamos tratando do que é considerado normalidade.

Com o passar dos anos os desafios somente aumentam e a possibilidade de sujeição a tudo que nos envolve, num ambiente hostil, agressivo e competitivo que vivemos só aumenta.

Somos bombardeados pelos aspectos e conflitos familiares e sociais, incluindo a possibilidade de nascimento em qualquer lugar deste planeta, desde países desenvolvidos até onde impera a miséria quase absoluta e a fome, países em paz e países em eternos e infindáveis conflitos.

Desta forma, o nascimento, o início da vida, seria mero acaso, capricho do destino, que premia alguns e castiga outros?

Mas a vida prossegue.

A criança cresce a cada dia consciente ou inconscientemente agrega ao seu ser as informações colhidas do meio em que está inserido e estará sujeita a uma série de circunstâncias e eventos que depende de quem cuidará dela e de outros que não depende deles.

Como será o desenvolvimento dessa criança?

Crescerá normalmente?

Terá alguma doença?

Sufrerá algum acidente?

Vai crescer num ambiente sadio ou poderá ser contaminada por algo ou alguém que possa comprometer o seu desenvolvimento ético e moral?

Terá oportunidade e facilidade de aprender e se desenvolver no campo intelectual?

Essas são apenas alguns questionamentos que se pode fazer sobre o crescimento de uma criança.

E se tudo correr bem, o que chamamos de vida, segue o seu curso natural aliado às circunstâncias que envolve a criatura humana.

O tempo passa e hoje pelas circunstâncias impostas pelo mundo moderno, as crianças começam a frequentar as creches e escolas maternas quase a partir do nascimento. Algumas são deixadas nesses locais no início da manhã e retiradas à tarde.

Os termos utilizados “deixar” e “retirar” são propositais, por melhor refletirem o contexto atual. O convívio, a educação e a assimilação dos padrões familiares são substituídos pelos professores e funcionários que “cuidam” dessas crianças. Nós raros momentos em que ficarão com os pais, estes estão cansados ou ocupados com outras coisas, por exemplo a manutenção da sobrevivência ou até mesmo “ocupados” com as redes sociais, para se informarem do mundo, das pessoas, etc e sem se ocuparem do que efetivamente tem os seus compromissos morais e familiares.

Chega a adolescência e seus conflitos naturais, um mundo repleto de informações e de desinformações e quase sempre sem a devida proteção, cautela e direcionamento familiar.

E a vida desse adolescente como será? Aliado aos fatores que o influenciarão para o bem e para o mal dele próprio e do meio onde ele está inserido, ainda há a sua própria personalidade.

A continuidade da sua vida também dependerá de fatores sob seu controle e de outros que ele não pode, não sabe ou não aprendeu a controlar.

Uma das questões é o que ela fará de sua “vida”? Estudará e terá uma profissão promissora? Estudará e terá uma profissão com muita ou pouca dificuldade no campo profissional? Não estudará por não quer, não pode ou não consegue?

Para cada resposta, há uma possibilidade de que a vida siga cursos diferentes.

Com uma situação natural (estou sempre considerando a regra geral e não o que podemos considerar como exceção) vem os namoros, o casamento e com ele novas etapas, novas responsabilidades, novos desafios.

Com o casamento vem os filhos e o ciclo, nesse aspecto, se repete.

A vida segue.

Quantos anos se viverá? Por que o tempo de vida é diferente? Para alguns vida longa até a velhice, para outros é interrompida no auge da juventude, isso por circunstâncias naturais ou acidentes.

Com o passar dos anos, o corpo, evidentemente que de acordo com o cuidado que tivemos com ele, começa a dar sinais do seu desgaste e se inicia um ciclo de dependências, quer seja de remédios, tratamentos ou pessoas. Quanto mais durar essa etapa maiores serão as possibilidades de dependência.

Enfim chega de maneira natural a inevitável, desconhecida e temida morte.

Será que quando iniciamos o nossa vida já temos demarcado pelo processo natural o seu fim?

A natureza nos mostra que nela tudo tem um ciclo é um prazo de validade para que se transforme.

O célebre cientista Antoine-Laurent de Lavoisier disse que na natureza nada se cria, tudo se transforma.

Mas será que só temos uma via?

Dada a inúmeras possibilidades da nossa existência, a necessidade de recomeços e o acúmulo de experiências diante das transformações que o mundo passa, nos conduz ao questionamento sobre a possibilidade da nossa existência não ser uma única. Pois essa possibilidade não responde à maioria dos nossos questionamentos.

0 sentido da vida

Se observarmos a natureza que nos rodeia vamos perceber que tudo tem vida e cada qual contribui para a harmonia e a existência de tudo e de todos.

Na criação não existe nada de inútil. Todos agem de acordo com a sua natureza e destinação.

Na medida em que os seres pertencem a uma escala de seres, dentro de sua espécie desenvolvem a adequação e a “inteligência” necessárias á manutenção dela e sua preservação.

Nesse contexto, nós seres humanos, que desenvolvemos a “inteligência” é que agimos contrariamente a isso.

Destruímos, matamos a todas outras espécies, inclusive a nossa em total dissonância com a natureza da qual fazemos parte indissociável.

Portanto cada espécie encontra na sua própria natureza o sentido da sua existência.

Se pararmos um pouco para pensar veremos que a vida no nosso planeta só é possível porque cada um faz alguma coisa e contribui para tudo funcione.

Por exemplo você já pensou quantas pessoas existem para que nos alimentemos, desde o produtor das sementes, o produtor rural, a colheita o transporte, o beneficiamento ou o processamento, os distribuidores, os que garantem o dinheiro que temos que ter para comprá-los é isso só para a garantia da sobrevivência pela alimentação, mas não é só de alimentos que vivemos.

Temos que beber, nos vestir, sermos transportados, estudar, termos médicos, dentistas e outros profissionais da saúde que nos atendam e até mesmo o lazer e os que os propiciam.

Se pudéssemos olhar o nosso planeta e ver toda a movimentação dos seus habitantes, nós o compararíamos a um enorme formigueiro!

Atualmente o nosso planeta tem mais de sete bilhões de habitantes, considerando os que nos antecederam e os que provavelmente habitam outras moradas, é impossível imaginarmos a quantidade só de seres humanos, portanto vidas humanas e cada uma é única, não se repete e nem se iguala.

Até mesmo os gêmeos que se parecem, são diferentes.

Temos que considerar também as múltiplas possibilidades de ocorrências em nossas vidas, que podem modificar bruscamente tudo que anelamos, por fatores dos quais somos direta ou indiretamente responsáveis e aqueles que não dependem da nossa vontade. Podemos ser vitimados por um acidente ou uma doença que nos incapacitará para as atividades normais e não se saberá por quanto tempo voltaremos, como crianças, a ter que cuide de nós.

Podemos ser atingidos por infortúnios que alteram significativamente o curso de nossas vidas e o sentido que tínhamos ou estávamos dando a ela.

Ainda há os que buscam encontrar na ilusão das drogas uma fuga para o que consideram realidade única e só encontram um caminho quase sempre sem volta.

Outros ainda desistem de tudo, da família, da sociedade e de si mesmos e vão viver nas ruas, às custas da caridade alheia para sobreviverem, sem qualquer perspectiva ou esperança.

Outras há que não encontram mais nenhum sentido e recorrem ao suicídio, acreditando que podem extinguir a própria vida!

Pode parecer trágico ou pessimista, mas é a realidade que nos rodeia e na maioria das vezes fingimos que não existe.

O que a maioria de nós não percebe é que a nossa vida é feita de escolhas, a todo momento estamos escolhendo entre fazer isso ou aquilo e conseqüentemente colhemos o resultado da nossa escolha.

E depois disso, qual é o sentido da nossa existência, da nossa vida?

Será que será a busca de fugazes momentos de alegria, uma vez que a felicidade plena não existe ou a busca de prazeres, que podem comprometer a saúde física e emocional e que podem causar mais arrependimentos que satisfação?

Será que o sentido é a preocupação, a ansiedade, a depressão, o medo, a solidão (ainda que em meio às pessoas), as incertezas, as decepções, as frustrações, as tristezas, as doenças?

Existem os que colocam o sentido de suas vidas numa carreira, numa religião, num relacionamento, no poder, num vício, no culto ao corpo, à moda e até mesmo num clube de futebol.

Alguns ao término de uma longa carreira, ainda que bem sucedida, acreditam que terminou o sentido de suas existências é que cumpriu o seu papel, nada mais a fazer, a vida, para ele, não tem mais sentido!

Num segundo existimos, temos poder, fazemos parte de um todo e de repente podemos desaparecer, para, talvez, nem sermos lembrados.

A razão nos mostra a evolução da raça humana e com ela a certeza de que o sentido de nossas vidas não se encontra no que nos é acessórios, mas sim no que deve ser o principal. Mas o que é o principal?

Certamente que é o que não é perecível, que é mortal, sem dúvida será o que permanece, que não se esvai com o findar da vida física, que indubitavelmente tem prazo de validade.

Temos ainda que considerar que habitamos um dos menores planetas da nossa galáxia.

O universo conhecido revela centenas de galáxias maiores que a nossa.

Só aqui que existe “vida” e vida “inteligente”?

Hoje já é uma realidade a inteligência artificial, mas já sabemos usar totalmente a nossa inteligência natural?

A ciência afirma que não usamos nem dez por cento do nosso cérebro!

Se buscarmos desenvolver ainda mais a nossa capacidade de utilização do nosso cérebro e mudarmos o nosso pensamento, certamente teremos uma percepção e compreensão maior de tudo que nos rodeia, do universo, da vida e de nós mesmo.

Nossas crenças

As nossas crenças interferem diretamente na maneira como vemos e encaramos a nossa vida.

Todo mundo crê em algo ou alguma coisa.

Quando a pessoa diz que não crê em nada, ainda que não seja verdade (e ela sabe disso), ela crê em nada. Como o nada não existe, ela não pode crer no que não existe.

Como vimos no capítulo 1, ao mapear o nosso genoma os cientistas encontraram um gene que nos identifica com o nosso Criador, daí a certeza de que não há ninguém que possa afirmar, sem tentar enganar a si mesmo, que não acredita na sua origem divina, independente de credo ou religião.

Mas e quanto às nossas crenças? As crenças estão tão arraigadas em nós que não as questionamos como deveríamos.

Vou dar alguns exemplos.

“Deixe tudo nas mãos de Deus, Ele tudo pode”!
Evidentemente que temos que admitir que há um poder soberano que a tudo rege para que a harmonia universal e a manutenção da vida seja possível. No entanto esse mesmo Poder criou leis perfeitas e imutáveis e ainda nos dotou, o ser inteligente da criação, do livre arbítrio, para que conheçamos suas leis e sejamos responsáveis por nós e pelo que provocamos ou nos omitimos quando seria de nossa responsabilidade agir.

“O tempo cura tudo”. Se ficarmos sentados, olhando para um relógio e vendo o tempo passar, certamente não seremos curados de nada.

“No final tudo dá certo, se ainda não deu é porque não chegou o fim”. Mas o que é dar certo e como sabemos que aquele acontecimento é o fim?

“Eu estou fazendo a minha parte”. Mas qual a sua parte? Quem a delimitou?

“Se Deus quiser isso ou aquilo acontecerá”. Voltamos ao entendimento inicial, Deus fez as suas leis e nos dotou de inteligência e de livre arbítrio, portanto, em tudo há a nossa participação pela ação ou pela omissão.

“A vida é assim mesmo, não há o que se fazer”. É a vida, ou o que cremos ser ela ou o que fazemos dela? Outra crença bastante disseminada é a crença no destino, como se tudo já estivesse predestinado em nossas vidas, se assim fosse, não teríamos o livre arbítrio e nem tampouco a responsabilidade pelo que fazemos ou não fazemos e também não poderíamos evitar nenhum acontecimento em nossas vidas.

As nossas crenças são frutos da nossa falta de percepção da realidade da vida e da nossa real responsabilidade diante de nós mesmos, dos que nos cercam e do planeta em que estamos.

A Morte

Se não sabemos exatamente o que é a vida é nem tampouco sabemos o que é a nossa morte.

A morte é encarado de diversas formas de acordo com a cultura de cada povo desde a antiguidade.

Alguns a festejam, outros a comemoraram, oferecem oferendas, comida, acendem velas e rezam aos que se foram.

A ciência nos diz que é a cessação dos princípios vitais.

A filosofia nos diz que é o corpo físico que não mais reúne condições de manter o espírito.

As religiões, cada qual, com suas crenças e dogmas apresenta uma explicação para esse fenômeno e todas elas ao seu modo afirma que a nossa vida continua, quer seja pela ressurreição ou pela reencarnação.

Uma coisa é inquestionável, a morte é a nossa grande certeza, todos e tudo certamente um dia morrerá.

Dizem até que cada dia em nossa. Vida nunca é mais um é sempre menos um.

Por mais paradoxal que seja, nada mais faz pensar na vida, quando deparamos com a morte! Inclusive quando nos parece que chegou a nossa hora e por alguma razão a morte não nos alcança, passamos a valorizar muito mais a vida é a dar sentido aos acontecimentos que até então achávamos insignificantes!

Quando olhamos no esquife o corpo inerte e frio do nosso amigo ou do nosso ente querido, pensamos que não mais veremos o seu olhar, o seu sorriso, jamais ouviremos sua voz ou sentiremos seus abraços e beijos.

Pensamos na vida que aquela criatura viveu, pelo menos o que nos era visível é perceptível, suas lutas, seus desafios, suas vitórias, suas derrotas, suas lágrimas, seus sonhos.

Será que nunca mais o veremos?...E pensamos em nós. Como e quando será a nossa vez?

Para se aceitar o inevitável, utilizamos eufemismos, tais como: descansou, foi para o céu morar com Deus, virou uma estrela, etc...

Ninguém acredita, independente de crença religiosa ou de ser ateu, que a morte física é o fim.

E você o que acredita que é a morte?

O meu opúsculo tem muitas perguntas sem respostas.

O célebre cientista Albert Einstein disse: "não são as respostas que movem o mundo, são as perguntas."

Não há dúvida alguma sobre a frase do grande contribuinte do conhecimento humano, se as respostas satisfizessem as nossas curiosidades, nos acomodariamos e não descobriríamos coisas novas.

Por isso é de fundamental importância que questionemos, não aceitemos tudo e nem tampouco não nos fixemos em uma única opinião, ainda que seja a nossa.

Utilizemos a maravilhosa e incomparável capacidade de raciocínio e de pensamento das quais somos dotados. O Sidarta Gautama, conhecido como Buda, disse: Feliz daquele cujo conhecimento é livre de ilusões e de superstições.

Pensem em tudo isso. Mas pensem agora!

Jurandir Gaidukas

FIM!